
INSTITUTO
FUNDADO
EA
1935
ELLINGHAM
1. Oficina
2. Asteria
3. Génio
4. Ártemis
5. Apolo
6. Dionísio
7. Deméter
8. Mansão
9. Minerva
10. Eunomia
11. Cibele
12. Júpiter
13. Vesta
14. Juno
NORTE
OS GATOS É QUE SABEM

DEPARTAMENTO FEDERAL DE INVESTIGAÇÃO (FBI)
Imagem fotográfica de uma carta recebida na residência Ellingham, em 8 de abril de 1936.

OLhA! uM enigMA!
está Na hoRA dA diVERsão!

pREFERE CoRdA
ou MuNição?

a FACA Tem bRiLho,
E é bem AFiAdA

O veneno é mAis LenTo,
assiM Não Tem PiAdA.

O FoGo é FEStivO,
AFoGAR dEMoRA.

eNFoRCAMenTo?
OLhA AGoRA!

uMA CAbEçA PARTidA,
uMA qUEdA NO EScURo

uM cARRO A iR
ContRA UM MURo.

as boMbas emiTem
uM Ruido ANiMAdo

TANTaS FoRMAS dE PUNiR
uM Menino mAL-EdUcAdo!

QUAL dEVERemos UsAR?
iMPosSiVEL EScoLhER.

TAL CoMO sERá PARA Ti
TentaR FUGiR oU EsCONdER.

ah ah.

CoRdiALmenTE,
cRUEL



15 de dezembro de 1932

A neve estava a cair há horas, deslizando pelas janelas, assentando no peitoril, formando pequenas paisagens semelhantes ao contorno das montanhas ao longe. Albert Ellingham estava sentado numa poltrona exageradamente almofadada, coberta de veludo cor de ameixa. À sua frente, estava um relógio de mármore verde, pousado numa mesinha. O tiquetaque era entusiástico. Além do barulho do relógio e do crepitar da lareira, não se ouvia som. A neve abafava o resto do mundo.

— Decerto que por esta altura já devíamos ter recebido notícias — disse ele.

Dirigia-se a Leonard Holmes Nair, que se encontrava esparramado no sofá do lado oposto, coberto por uma manta de pele e a ler um romance francês. Leo era pintor e um amigo da família, um réprobo alto e esguio num roupão de veludo azul. Há duas semanas que o grupo estava reunido naquele retiro exclusivo nos Alpes — entre neve, vinho quente e livros —, à espera… à espera do momento que se anunciara no silêncio da noite. Depois, os médicos e enfermeiras entraram em ação, levando a futura mãe para a luxuosa sala de partos. Quando se é um dos homens mais ricos dos Estados Unidos, não é difícil ter um retiro suíço inteiro à disposição para o nascimento do filho.

— Estes mistérios insondáveis da natureza levam o seu tempo — respondeu Leo, sem desviar o olhar do livro.

— Já se passaram quase nove horas.

— Albert, para de olhar para o relógio. Bebe alguma coisa.

Albert levantou-se e enfiou as mãos nos bolsos. Percorreu a sala de um lado para o outro, primeiro para perto de uma janela, de seguida para uma mais afastada e depois de volta para a primeira. A vista era

maravilhosa — a neve, as montanhas, os telhados em bico típicos das cabanas do vale alpino.

— Bebe alguma coisa — repetiu Leo. — Toca para pedir. Toca o… sininho. Tocósininho. Onde está?

Albert voltou para junto da lareira e premiu um botão dourado ligado a um cordão de seda. Ouviu-se um leve tilintar ao longe. Momentos depois, as portas abriram-se e entrou uma jovem vestida com um vestido de lã azul, um avental recatado de enfermeira e uma touca branca pousada na cabeça.

— Sim, Herr Ellingham? — disse ela.

— Há novidades? — perguntou ele.

— Receio que não, Herr Ellingham.

— Precisamos de glühwein — interveio Leo. — *Er braucht etwas zu essen. Wurst und Brot. Käse.*

— *Ich verstehe, Herr Nair. Ich bringe Ihnen etwas, einen Moment bitte.*

A enfermeira retirou-se da sala e fechou as portas atrás de si.

— Talvez tenha acontecido alguma coisa — sugeriu Albert.

— Albert…

— Vou lá ver.

— Albert — repetiu Leo. — Fui instruído a sentar-me em cima de ti se tentasses sair daqui. Posso não ser o mais atlético, mas sou maior do que tu e pesado como um calhau. Vamos ligar o rádio. Ou preferes jogar um jogo?

Numa situação normal, a proposta de um jogo serviria para acalmar Albert Ellingham de vez, mas ele continuou às voltas até a enfermeira regressar, trazendo consigo um tabuleiro com duas taças de vinho quente cor de rubi, acompanhadas por fatias frias de presunto, pão e queijo.

— Senta-te — ordenou Leo. — Come isto.

Albert não se sentou. Em vez disso, apontou para o relógio.

— Este relógio — começou —, comprei-o há dias a um comerciante, quando estávamos em Zurique. É uma antiguidade. Século dezanove. Disse-me que pertenceu à Maria Antonieta.

Pegou no relógio com ambas as mãos e ficou a olhar para ele, como se esperasse que lhe dissesse alguma coisa.

— É provável que seja um disparate — prosseguiu, erguendo o relógio. — Mas pelo que paguei por ele, espero que seja um disparate de qualidade. E tem um segredinho divertido… uma gaveta secreta na parte de baixo. É preciso virá-lo. Há aqui uma pequena indentação, depois é só pressionar…

Lá em cima, houve movimento. Um grito. Passos apressados. Um grito de dor. Albert pousou o relógio com um baque.

— Parece que o sono crepuscular[1] parou de fazer efeito — disse Leo, de olhos no teto. — Valha-me Deus.

Ouviu-se mais barulho — os gritos agudos de uma mulher prestes a dar à luz.

Albert e Leo abandonaram o escritório acolhedor e ficaram parados no átrio muito mais frio, no sopé das escadas.

— Que sons horríveis — comentou Leo, olhando com preocupação para o alto das escadas escuras. — Decerto que haverá uma maneira melhor de trazer vida ao mundo.

Os gritos cessaram. Durante vários minutos, ouviu-se apenas o silêncio, e depois o choro de um bebé rasgou o ar. Albert subiu as escadas em passo apressado, dois degraus de cada vez, escorregando no patamar tal era a pressa. No corredor lá em cima, a jovem enfermeira estava prostrada à frente da porta da sala de partos, preparada para a sua chegada.

— Um momento, Herr Ellingham — pediu com um sorriso. — É preciso cortar o cordão.

— Quero saber — exigiu ele, sem fôlego.

— É uma menina, Herr Ellingham.

— É uma menina — repetiu Albert, virando-se para encarar o amigo.

— Sim — respondeu Leo. — Eu ouvi.

— Uma menina. Achei que seria uma menina. Eu sabia que ia ser uma menina. Uma menina! Vou comprar-lhe a maior casa de bonecas no mundo, Leo. Até tu poderias viver lá dentro!

A porta entreabriu-se, e Albert passou pela enfermeira e entrou apressado. O quarto estava na penumbra, as cortinas fechadas para

[1] Expressão médica antiga, usada para descrever um estado anestésico induzido com morfina e escopolamina durante o parto. (*N. da T.*)

proteger da neve. No ar, pairava um cheiro a vida — sangue e suor — misturado com o aroma cortante do antissético. O médico pousou uma máscara de oxigénio num gancho na parede e ajustou o nível de gás num cilindro. Uma enfermeira despejou uma bacia branca de esmalte, cheia de água rosada, no lavatório. Outra retirava os lençóis molhados da cama, enquanto uma terceira os substituía com destreza, fazendo o lençol limpo flutuar no ar antes de o deixar cair suavemente sobre a mulher. As enfermeiras cirandavam pelo quarto, abrindo as cortinas e trocando o tabuleiro de instrumentos por jarras com flores. Era uma coreografia ensaiada e bem praticada, e minutos depois, a sala de partos parecia um quarto de hotel alegre. Afinal, tratava-se do melhor hospital privado do mundo.

O olhar de Albert fixou-se na sua mulher, Iris, abraçada a um bebé numa manta amarela. O sentimento dentro de si era tão intenso que o quarto pareceu distorcer-se; as traves do teto pareceram curvar-se até ele, como se para o apanhar caso ele caísse, à medida que se aproximava da mulher e da criança nos seus braços.

— Ela é linda — disse Albert. — É extraordinária. É…

A voz falhou-lhe. A bebé era de um cor-de-rosa vivo, mãozinhas fechadas em punhos e olhos fechados e choros de quem ia adquirindo consciência do mundo. Era vida em estado puro.

— É nossa — murmurou Iris.

— Posso pegar nela? — perguntou alguém do outro lado da sala. Albert e Iris viraram-se para a mulher na cama. Tinha o rosto ruborizado e coberto de suor.

— Claro! — disse Iris, dirigindo-se a ela. — Claro. Oh, querida, claro.

Delicadamente, Iris colocou a bebé nos braços de Flora Robinson. Flora estava fraca, ainda sob a influência dos anestésicos, o cabelo loiro colado à testa. As enfermeiras puxaram os lençóis e cobertores, aconchegando-os em torno do bebé nos seus braços. Ela piscou os olhos, maravilhada com o pequeno ser que havia produzido.

— Meu Deus — disse, de olhos postos no rosto da bebé. — Fui eu que fiz isto?

— Portaste-te muito bem — respondeu Iris, afastando algumas madeixas húmidas da testa da amiga. — Minha querida, foste maravilhosa. Absolutamente maravilhosa.

— Posso ter um momento com ela? — pediu Flora. — Só para a ter nos braços um bocadinho?

— É uma boa ideia — disse a enfermeira. — Tê-la nos braços. Ajuda a bebé. Em breve terá de amamentar. Talvez Herr Ellingham e Frau Ellingham possam esperar lá fora. Só por um instante.

Iris e Albert retiraram-se da sala. Leo voltara lá para baixo, pelo que tinham ficado sozinhos no corredor.

— Ela não disse nada sobre o pai, pois não? — perguntou Albert baixinho. — Presumi que o fizesse, durante…

Fez um gesto com a mão para indicar as nove horas de parto e o processo de dar à luz.

— Não — sussurrou Iris.

— Não tem importância. Não tem importância nenhuma. Se um dia ele aparecer, trataremos do assunto.

A enfermeira apareceu no corredor, trazendo consigo uma prancheta com uns papéis com ar muito oficial.

— Com licença — disse ela. — Têm um nome para a menina?

Albert olhou para Iris, que assentiu.

— Alice — respondeu Albert. — O nome dela é Alice Madeline Ellingham. E será a menina mais feliz do mundo.

EXCERTO DE *CORDIALMENTE CRUEL: OS ASSASSINATOS DO CASO ELLINGHAM*, POR DRA. IRENE FENTON

Desde o rapto da mulher e da filha, e desde o assassinato de Dolores Epstein, durante todo o julgamento de Anton Vorachek, Albert Ellingham nunca deixou de procurar. Nem mesmo o assassinato de Vorachek à porta do tribunal o travou, apesar de tudo indicar que aquele homem podia ter sido a última pessoa a saber onde estava Alice. Alguém sabia de alguma coisa. E Albert nunca poupou esforços. Deu entrevistas em todas as emissoras de rádio, falou com políticos. Estava disposto a ir a qualquer lugar, a encontrar-se com qualquer pessoa que pudesse dar-lhe uma pista sobre o paradeiro da filha.

Mas, no dia 1 de novembro de 1938, era o corpo de Albert Ellingham que procuravam — ele e George Marsh. A polícia e o FBI vasculhavam o lago Champlain. Os dois homens tinham saído para velejar nessa tarde, no *País das Maravilhas*, o barco de Albert. Pouco antes do pôr do sol, uma explosão devastadora rompeu o silêncio calmo da paisagem de Vermont. Pescadores locais correram para os seus barcos e rumaram para o local. Quando lá chegaram, encontraram apenas destroços — madeira queimada, almofadas chamuscadas espalhadas pelos ares, pequenos encaixes metálicos, pedaços de corda. Mas também encontraram algo muito mais sombrio: restos humanos, carbonizados como o próprio barco. Nem o corpo de Albert Ellingham nem o de George Marsh seriam recuperados na totalidade; foram encontrados fragmentos suficientes para confirmar que ambos os homens tinham morrido.

Seguiu-se de imediato uma investigação. Toda a gente tinha uma teoria sobre a morte de um dos homens mais ricos e influentes dos Estados Unidos, mas, no fim, nunca se conseguiu apresentar nenhum caso concreto. A teoria mais

aceite foi a de que Albert Ellingham teria sido morto por um grupo de anarquistas; na verdade, três grupos distintos reivindicaram a autoria do atentado. Com a morte de Albert Ellingham, o caso de Alice começou a arrefecer. Já não havia a voz de um pai a chamar pelo nome dela, nem um magnata a distribuir dinheiro e a fazer telefonemas. Um ano depois, a guerra começou na Europa, e a triste história da família na montanha perdeu importância perante uma tragédia muito maior.

Ao longo dos anos, apareceram dezenas de mulheres a afirmar serem Alice Ellingham. Algumas podiam ser descartadas de imediato — tinham a idade errada, características físicas incompatíveis. As que passavam nos testes mais básicos eram avaliadas por Robert Mackenzie, o secretário pessoal de Albert. Mackenzie investigava minuciosamente cada caso. Todos se revelaram falsos.

Com o passar dos anos, o interesse pelo caso foi sendo reavivado — não só por Alice, mas também pelo rapto e pelos acontecimentos daquele terrível dia no lago Champlain. Com os avanços da análise de ADN e das técnicas modernas de investigação, talvez as respostas ainda estejam ao nosso alcance.

Alice Ellingham pode ainda ser encontrada.

PROFESSORA UNIVERSITÁRIA MORRE EM INCÊNDIO TRÁGICO

Burlington News Online

4 de novembro

A professora universitária Dra. Irene Fenton, do Departamento de História da Universidade de Vermont, morreu ontem à noite num incêndio na sua residência. A Dra. Fenton, que vivia na Pearl Street, integrava o corpo docente há vinte e dois anos e era autora de vários livros, incluindo *Cordialmente Cruel: Os Assassinatos do Caso Ellingham*. O incêndio começou por volta das 21 horas e acredita-se que teve origem na cozinha.

O sobrinho da Dra. Fenton, que vivia com ela, sofreu apenas ferimentos ligeiros no incidente...



1

Os ossos estavam sobre a mesa, nus e esmagadoramente brancos. As cavidades oculares vazias, a boca num esgar solto, como quem diz: «Sim, sou eu. Aposto que estás a perguntar-te como vim aqui parar. É uma história engraçada, na verdade…»

— Como podem ver, o Sr. Nelson não tem o primeiro metacarpo da mão direita, que foi substituído por um modelo. Em vida, claro, ele tinha…

— Uma pergunta — interrompeu Mudge, levantando a mão a meio caminho. — Como é que este tipo acabou um esqueleto? Quer dizer, aqui? Ele sabia que ia acabar numa sala de aula?

Pix, a Dra. Nell Pixwell, professora de anatomia, antropóloga forense e diretora da Casa Minerva, fez uma pausa. A sua mão e a do Sr. Nelson estavam levemente entrelaçadas, como se ponderassem a possibilidade delicada de dançar juntos num baile.

— Bem — começou ela —, o Sr. Nelson foi uma doação a Ellingham quando a escola abriu. Creio que através de um amigo de Albert Ellingham, que tinha ligações a Harvard. Existem várias formas de os corpos chegarem a ser usados para fins demonstrativos. As pessoas, claro, doam os corpos à ciência. Pode ter sido esse o caso, mas suspeito de que aqui não foi bem assim. Com base em alguns dos materiais e técnicas usados para o articular, diria que o Sr. Nelson é provavelmente de meados ou finais do século XIX. Nessa altura, as regras eram bastante mais flexíveis no que tocava à obtenção de corpos para fins científicos. Os corpos de prisioneiros eram usados com frequência. O Sr. Nelson parecia bem nutrido. Era alto. Tinha todos os dentes, o que era excecional para a época. Nunca teve ossos partidos. A minha teoria, e é só uma teoria…

— Quer dizer que o roubaram do túmulo? — perguntou Mudge com interesse. — O Sr. Nelson foi roubado?

Mudge era o parceiro de laboratório de Stevie Bell — um metaleiro de quase dois metros, com lentes de contacto roxas em forma de pupilas de serpente e uma camisola com capuz preta coberta com cinquenta *pins* da Disney, incluindo alguns muito raros que exibia orgulhosamente a Stevie enquanto dissecavam olhos de vaca e outras coisas horríveis em nome da educação. Mudge adorava a Disney mais do que qualquer pessoa que Stevie já tivesse conhecido e sonhava tornar-se um *Imagineer*[2] de animatrónica. O Instituto Ellingham era o tipo de lugar onde pessoas como Mudge eram bem-vindas e compreendidas.

— Era comum — disse Pix. — Os estudantes de medicina precisavam de cadáveres. Havia pessoas conhecidas como homens da ressurreição… perceberam, de «ressuscitar»?… e eles roubavam corpos para os vender a estudantes de medicina. Se ele for um modelo antigo da Harvard, sim, é bem possível que o tenham roubado do túmulo. Isto faz-me lembrar: tenho de o enviar para ser rearticulado. Preciso de arranjar um metacarpo novo, e o arame tem de ser arranjado aqui, entre o hamato, o piramidal e o osso capitato. Não é fácil ser um esqueleto.

Abriu um sorriso, mas afastou-o com um esgar momentos depois, passando a mão pelo cabelo ruivo.

— Já chega de metacarpos — disse ela novamente. — Vamos passar aos outros ossos da mão e do braço…

Stevie percebeu logo porque é que Pix parara de repente. O Instituto Ellingham já não era o tipo de lugar onde se podiam fazer piadas descontraídas sobre ser um esqueleto.

Ao sair cá para fora, o ar frio atingiu-a com força. O deslumbrante manto de vermelhos e dourados que cobria a floresta de Vermont havia caído de repente, como se as árvores tivessem feito um *striptease* em massa.

Striptease em massa. Do tipo bolonhesa? Céus, estava mesmo exausta.

[2] Engenheiro criativo da Disney responsável por conceber e construir atrações, cenários e experiências nos parques temáticos. (*N. da T.*)

Nate Fisher estava à espera de Stevie à porta do edifício das aulas, sentado num dos bancos, de ombros descaídos, olhos presos ao telemóvel. Agora que o tempo arrefecera, podia — com entusiasmo, ou o mais próximo disso possível no mundo de Nate — vestir camadas e mais camadas de camisolas largas, calças de bombazina folgadas e cachecóis, até parecer um monte ambulante de fibras naturais e sintéticas.

— Onde é que te meteste? — foi o seu cumprimento.

Estendeu-lhe um copo de café e um *donut* de ácer. Stevie presumiu que fosse de ácer. Em Vermont, era quase tudo de ácer. Bebeu um longo gole de café e deu uma dentada no *donut* antes de responder.

— Precisava de pensar — disse. — Fui fazer uma caminhada antes da aula.

— Estás com a mesma roupa de ontem.

Stevie olhou para si, confusa: para as suas calças de fato de treino largas e ténis pretos da *Converse*. Trazia uma camisola já toda esticada e o seu casaco fino de vinil vermelho gasto.

— Dormi com isto vestido — respondeu, enquanto algumas migalhas do *donut* lhe caíam das mãos.

— Não comes connosco há dois dias. Nunca sei onde estás.

E era verdade. Há dois dias que não fazia uma refeição decente no refeitório, alimentando-se apenas com punhados de cereais secos tirados dos dispensadores da cozinha, normalmente a meio da noite. Ficava ali de pé, na penumbra, com a mão debaixo do doseador, a puxar a alavanca para mais uma dose de *Froot Loops*. Tinha uma vaga recordação de, no dia anterior, ter arranjado uma banana e comido enquanto estava sentada no chão da biblioteca, entre as estantes. Tinha evitado pessoas, evitado conversas, evitado mensagens — vivia completamente dentro da sua própria cabeça, onde havia demasiados pensamentos que precisavam de ser ordenados.

Três acontecimentos importantes tinham dado origem a esta vida quase monástica e errante.

Primeiro: David Eastman, o seu talvez-namorado, levara um soco na cara em Burlington. Fizera-o de propósito e pagara ao tipo que o agredira. Depois, publicara o vídeo da cena na internet e desaparecera sem deixar rasto. David era filho do senador Edward King. Foi o senador

quem ajudou Stevie a regressar à escola, com a condição de que ela ajudasse a manter David sob controlo.

Bem, não correra lá muito bem.

Só isso já seria suficiente para lhe ocupar completamente a cabeça, mas, nessa mesma noite, a orientadora de Stevie, a Dra. Irene Fenton, morreu num incêndio doméstico. Stevie não era próxima da Dra. Fenton — ou apenas Fenton, como preferia ser chamada. Havia um único ponto positivo nesse acontecimento horrível: o incêndio fora em Burlington. Burlington não era *ali*, em Ellingham, e Fenton fora identificada como professora na Universidade de Vermont. Isso queria dizer que a morte não estava associada a Ellingham. Era provável que a escola não sobrevivesse a mais uma morte. Num mundo onde corria sempre tudo mal, ter uma orientadora a morrer num incêndio fora do *campus* era, estranhamente, um daqueles raros «mas, vendo pelo lado positivo…» da sua nova e confusa vida. Era uma forma terrível e egoísta de encarar a situação, sim, mas, nesta fase, Stevie tinha de ser prática. Se queria resolver crimes, precisava de se desligar emocionalmente.

Tudo isso já era muito com que lidar. Mas o que lhe andava verdadeiramente a dar voltas à cabeça, como um móbil suspenso, era…

— Não achas que devíamos conversar? — perguntou Nate. — Sobre o que se está a passar? Sobre o que vai acontecer agora?

Era uma pergunta armadilhada. *Que vai acontecer agora?*

— Anda comigo — respondeu ela.

Virou-se e afastou-se dos edifícios das salas de aula, das pessoas, das câmaras montadas em postes e árvores. Era para manter a conversa privada e também para que ninguém a visse a devorar o *donut* como uma selvagem. Estava cheia de fome.

— Rejol vio cado — disse, enfiando uma porção de *donut* na boca.

— Queres um bocado?

Stevie demorou um momento a engolir.

— Resolvi o caso — disse. — O caso Ellingham.

— Eu sei — respondeu ele. — É disso que precisamos de falar. Disso, do incêndio, de tudo. Caramba, Stevie.

— Faz sentido — disse ela, caminhando devagar. — O George Marsh, o agente do FBI, o que protegia os Ellinghams… alguém que

conhecia a casa, os horários, quando o dinheiro chegava, os hábitos da família… alguém que podia facilmente orquestrar um rapto. Então, o que aconteceu foi o seguinte…

Segurou levemente o braço de Nate e mudou de direção, levando-os de volta à Mansão. A Mansão era a joia da coroa do *campus*. Nos anos 30, fora a casa dos Ellinghams. Agora, era o centro administrativo da escola, além de servir de espaço para bailes e outros eventos. Nas traseiras havia um jardim murado. Stevie seguiu instintivamente até uma porta que já conhecia no muro e empurrou-a. Era o chamado jardim afundado, porque, em tempos, fora um lago artificial: a enorme piscina de Iris Ellingham. Albert Ellingham mandou esvaziá-lo quando a filha desapareceu, depois de alguém ter sugerido que o corpo podia estar no fundo. Não estava. Mas o lago nunca mais foi enchido. Ficou assim mesmo, um grande buraco coberto de relva. E no meio, num pequeno monte que em tempos fora uma ilha, erguia-se uma cúpula geodésica de vidro. Foi lá que Dottie Epstein encontrou a morte, e foi também lá, mais tarde, que Hayes Major teve o mesmo destino.

— Portanto — começou Stevie, apontando —, a Dottie Epstein está ali sentada dentro da cúpula, a ler o seu Sherlock Holmes, sossegada. Quando, de repente, aparece um homem. George Marsh. Nenhum dos dois contava ver o outro. E de todos os alunos de Ellingham com quem o George poderia ter dado de caras, foi logo encontrar a mais inteligente, e logo a que tem um tio na polícia de Nova Iorque. A Dottie reconhece-o. E naquele instante, o plano dele fica desfeito. Porque o George Marsh se cruza com a Dottie naquela cúpula. A Dottie percebe que algo grave vai acontecer. Por isso, marca o livro, tenta, da melhor maneira que consegue, deixar registado quem está a ver, e depois morre. Mas identifica o tipo. Avançando no tempo…

Stevie virou-se na direção da casa, para o pátio em pedra e as portas de vidro que davam para o antigo escritório de Albert Ellingham.

— O Albert Ellingham passa os dois anos seguintes a tentar encontrar a filha, até que algo… *algo* lhe desperta a memória. Pensa na Dottie Epstein e na marca que ela deixou no livro. Vai buscar a gravação antiga que fez dela, e sabemos que o fez, porque estava em cima da

secretária no dia em que ele morreu, e ouve-a. E percebe que a Dottie podia ter reconhecido o George Marsh. Fica a matutar…

Stevie conseguia praticamente vê-lo a andar de um lado para o outro no escritório, a atravessar os tapetes de peles, do cadeirão de cabedal até à secretária, a olhar para o relógio de mármore verde em cima da lareira, a tentar perceber se aquilo em que estava a pensar fazia realmente sentido.

— Escreve um enigma, talvez para se testar, para confirmar se acreditava mesmo — prosseguiu. *Se alguém nunca lá está, onde deves procurar? Nas escadas sempre, no degrau nem pensar*. O que ele está a dizer é que não podemos olhar para as coisas em pedaços. Não são os degraus, é a escada toda. Um bocadinho aqui, outro ali, isso é o que os jornais e as outras pessoas sabem. Mas além de Albert Ellingham, quem mais poderia ter a informação toda? Um detetive. E quem é que nunca está lá? A pessoa que contrataste para investigar, que andou sempre ao teu lado. Aquela em quem nem reparaste, nem consideraste…

— Stevie…

— E depois, nessa tarde, ele vai velejar no lago com o George Marsh e o barco explode. Sempre se pensou que tinham sido anarquistas, porque já tinham tentado matá-lo antes. E toda a gente acreditava que tinham sido anarquistas a raptar a filha. Mas não pode ter sido isso. Um deles fez explodir o barco. Ou o George Marsh percebeu que o jogo tinha acabado e acabou com ambos, ou foi o Albert Ellingham que o confrontou e fez o mesmo. Mas acabou ali. E eu sei que quem raptou a Alice não foi o Cordialmente Cruel, porque sei que aquele bilhete foi escrito por uns alunos de cá, provavelmente na brincadeira. Isto tudo não passa de uma data de acontecimentos que fugiram do controlo. O bilhete era uma piada, e depois o rapto correu mal, e morreu toda aquela gente…

— Stevie — chamou Nate, puxando-a de volta à realidade, ao frio e à relva húmida onde estavam os dois.

— A Fenton — respondeu Stevie. — Ela acreditava que havia uma adenda no testamento de Albert Ellingham, uma cláusula que dizia que quem encontrasse a Alice herdaria uma fortuna. Soa a teoria da conspiração, daquelas que os tipos que usam chapéus de alumínio adoram

pregar, mas ela acreditava mesmo. Dizia que tinha provas. Eu nunca vi nada, mas ela dizia que tinha. Estava completamente paranoica… fazia questão de registar tudo em papel. Guardava blocos de notas em caixas de piza vazias. Tinha uma parede cheia de recortes e fios a ligar tudo. Dizia que estava a montar uma coisa em grande. Liguei-lhe para lhe contar o que tinha descoberto e ela disse que não podia falar, que «a criança está aqui» ou algo do género. E depois, *a casa dela ardeu.*

Nate passou a mão pela cabeça, exausto.

— Há *alguma* hipótese de ter sido um acidente? — perguntou. — Por favor, diz-me que sim.

— O que é que achas? — devolveu ela, em voz baixa.

— O que é que *eu* acho? — repetiu Nate, sentando-se num dos bancos de pedra à beira do jardim afundado.

Stevie sentou-se ao lado dele. Sentia o frio da pedra a atravessar-lhe a roupa.

— Acho que já nem sei o que pensar. Normalmente não acredito em teorias da conspiração, porque, sinceramente, as pessoas são demasiado desorganizadas para conseguirem conceber planos assim tão elaborados. Mas também acho que, se um monte de coisas estranhas acontece no mesmo sítio, ao mesmo tempo, talvez estejam ligadas. O Hayes morreu enquanto estavas a fazer aquele vídeo sobre o caso Ellingham. A seguir, foi a Ellie que morreu, logo depois de ter fugido, depois de descobrires que tinha sido ela a escrever a série do Hayes. E agora a tua orientadora morreu, aquela com quem estavas a investigar o caso Ellingham, e morreu precisamente quando disseste que tinhas descoberto quem tinha cometido o crime do século. Ou isto são tudo coincidências horríveis, ou então não são, mas eu já esgotei as teorias e preciso de guardar energia para poder entrar em pânico com mais eficácia. Isso ajuda?

— Não — respondeu Stevie, olhando para o céu cinzento com tons de rosa.

— E se, ouve só, e se contasses *tudo* o que sabes agora às autoridades e esquecesses isto?

— Mas eu não sei nada — disse. — É esse o problema. Preciso de saber mais. E se isto estiver tudo ligado? Tem de estar, não achas? A Iris, a Dottie e a Alice, o Hayes, a Ellie e a Fenton.

— *Tem?*

— Tenho de pensar — disse ela, passando a mão pelo cabelo loiro e curto, que agora estava espetado em todas as direções. Desde que chegara a Ellingham, no início de setembro, que ainda não o tinha ido cortar. Uma vez, às duas da manhã, cortou um bocado na casa de banho, mas a meio perdeu a noção do que estava a fazer. O que tinha agora era uma espécie de corte desajeitado, comprido de um lado e curto do outro, que às vezes se empinava para cima como a crista de uma catatua alerta. Tinha roído as unhas até quase ao sabugo, e apesar de a escola ter serviço de lavandaria, usava a mesma camisola com capuz por lavar quase todos os dias. Estava a perder a noção do corpo.

— Então qual é o plano? Vais andar por aí, sem comer, sem falar com ninguém?

— Não — disse ela. — Tenho de agir. Preciso de mais *informação*.

— Pronto — suspirou Nate, derrotado. — E onde é que vais arranjar informação que não seja perigosa ou completamente errada?

Stevie mordiscou uma cutícula, pensativa. Era uma boa pergunta.

— Voltando ao presente — disse Nate —, esta noite a Janelle vai mostrar-nos o teste da sua máquina. Está preocupada que não vás aparecer.

Claro. Enquanto Stevie andava a vaguear mentalmente por aqueles corredores da cabeça dela, a vida continuava. Janelle Franklin, a sua melhor amiga ali e vizinha do lado, passara os últimos tempos na escola a construir uma máquina para a competição Sendel Waxman. Agora estava pronta, e ela queria testá-la com os amigos mais próximos. Stevie lembrava-se vagamente disso, por entre a névoa mental — *hoje à noite, às oito. Ver a máquina.*

— Pois — respondeu ela. — Eu vou. Claro que vou. Só preciso de pensar mais um pouco.

— Se calhar devias era ir para casa, dormir uma sesta, tomar um banho, ou assim. Não pareces nada bem.

— É isso — disse ela, erguendo a cabeça de repente. — Não estou nada bem.

— Espera… o quê?

— Preciso de ajuda — disse ela com um sorriso. — Tenho de falar com alguém que adora ser desafiado.